

Retalhos

Amanda Loscardini

Juliana Gola



Retalhos

“O que vale na vida são os momentos confessionais”
Nelson Rodrigues

Sumário

Introdução

Capítulo 1

Escolhendo Palavras

Capítulo 2

Tom de menina, ideais de mulher

Capítulo 3

Contar histórias, escrever sentimentos

Capítulo 4

Lucidez pintada de loucura

Introdução

Se escrevo é primeiro porque amo os homens. Tudo vem disso para mim. Amo e por isso é que sinto esta vontade de escrever, me importo com os casos dos homens, me importo com os problemas deles e necessidades. Depois escrevo por necessidade pessoal. Tenho vontade de escrever e escrevo. (Isto é pro caso dos versos.) Mas mesmo isto psicologicamente pode ser reduzido a um fenômeno de amor, porque ninguém escreve para si mesmo a não ser um monstro de orgulho. A gente escreve pra ser amado, pra atrair, encantar, etc. (Mário de Andrade, em carta a Manuel Bandeira).

Por que alguém escreve? Partindo dessa pergunta que grandes escritores como Clarice Lispector, Cecília Meirelles e o próprio Mário de Andrade já se fizeram, iniciamos nosso trabalho de intensa leitura e entrevistas com uma nova geração que ainda brota cheia de vida e ideais dentro da literatura.

À medida que foram surgindo inovações tecnológicas, o livro parecia ter seus dias contados, como diziam os visionários que decretaram o fim do rádio com a chegada da televisão, o fim da televisão com a chegada da internet, e assim por diante. Todas as profecias foram fracasadas. Um meio de comunicação é extensão do outro, assim como do próprio corpo, como defendia McLuhan com a teoria de que o meio é a mensagem e, portanto, além da informação passada existe ainda a ferramenta falando por si só. Cada meio pode falar a mesma coisa de maneiras distintas. As pessoas ainda se relacionam, apesar do telefone. E continuam, apesar da internet. A comunicação humana ainda será necessária apesar dos aparatos técnicos.

Para se expressar, comunicar ou resolver conflitos internos, escritores nunca deixaram de existir. O formato impresso em papel ainda tem grande mercado e o espaço virtual chegou para somar conteúdo e estreitar o contato entre escritor e leitor.

Foi através desse espaço que chegamos às quatro escritoras escolhidas e conseguimos marcar encontros para iniciar os esperados perfis de cada uma. Leitoras ávidas de alguns nomes da “nova literatura” nos identificamos com essas mulheres que depositam grande dose de paixão em seus textos. Os romances, poesias e formatos ainda sem nome que são postados em blogs na Internet nos chamaram a atenção para o fato de terem entre 25 e 35 anos e já carregarem obras tão densas e carregadas de emoções. A dedicação com que cada uma delas produziu livros e se preocupou com as funções que exercem na literatura nos mostraram autoras que não apenas escrevem, mas vivem cada palavra escrita.

Após algumas tentativas de contato com cerca de dez selecionadas, chegamos às quatro vidas que recheiam o livro: Sabina Anzuategui, Ana Rüsche, Andréa del Fuego e Clarah Averbuck.

Estilos variados, entre romances e poesias, as obras publicadas entre 2002 e 2007, todas têm em comum o diálogo que promovem com o leitor num processo de identificação quase inevitável.

As histórias de infância ligadas aos primeiros contatos com a literatura e a trajetória que as colocou neste rol de jovens escritores que representam o que há de mais novo no mercado, foram contadas durante as conversas, sempre noturnas, em São Paulo.

Escritoras, jovens, moradoras da capital paulista, donas de blogs na Internet e mulheres independentes que falam de temas cotidianos e relações com o amor são algumas das características que as ligam.

Com técnicas do jornalismo literário e gravador nas mãos, partimos para o encontro das escolhidas em locais que vão de bares e restaurantes a bibliotecas e docerias. Como base para nossas entrevistas tivemos a ajuda essencial do livro de entrevistas da Clarice Lispector. A edição lançada em 2007 reúne um apanhado de conversas da escritora com artistas e atletas daquela época para a Revista Manchete. A seção *Diálogos Possíveis* aconteceu no período de maio de 1968 a outubro de 1969. A maneira como interpelava cada entrevistado com perguntas sobre o amor e questões existenciais nos chamou a atenção e nos deu uma liberdade que não imaginávamos ter diante do entrevistado. Falar de si mesmo não é das tarefas mais simples, de sentimentos então, nos parecia impossível.

A leitura de livros conceituados de perfis, de material na internet e reportagens em revistas como a Piauí, que resgata conceitos de antigas publicações como a Revista Realidade, foi de grande importância para a escrita final. O acesso a reportagens antigas da própria Revista Realidade também nos foi útil, além de prazeroso.

A conexão entre o que ouvimos e o que conseguimos contar se deu aos poucos e com uma quantidade maçante de textos apagados e reescritos. As perguntas sobre o amor e os conflitos existenciais nos guiaram tanto nas conversas como na estrutura dos textos. Fazer um recorte de cada uma a partir da mulher que está por trás da escritora foi o nosso objetivo principal.

Como jornalistas, o que tentamos com este livro de perfis se baseou no princípio do que acreditamos ser nossa profissão: contar uma história. Por meio da experiência física, dos ouvidos bem atentos ao tom de cada palavra, dos olhos observando cada gesto e da sensibilidade de quem vive a matéria jornalística, tentamos nos colocar diante de cada personagem da vida real. O resultado pretende apresentar aos leitores as mulheres que tivemos a sorte de conhecer e que representam parte do meio literário que pouco é divulgado nos veículos de comunicação. Além do objetivo nobre de incentivar a arte por meio de qualquer manifestação possível.

Capítulo 1

Escolhendo palavras

“A cada segundo
comem uma criança negra
com mostarda de febre amarela
A cada segundo
Comem um campo de futebol da floresta verde
com molho vermelho de barro
A cada segundo
A cada segundo
A cada segundo

E aquela reunião não acabava nunca... tinha
vontade é de comer pipocas”.

(Lugar Comum 7: A Sociedade Civil – Rasgada
– Ana Rüsche)

Ana acenou. A insegurança e o medo de meses que rondavam este trabalho pareciam se concretizar ali, diante de nós. O aceno veio seguido de um sorriso daqueles de aliviar a alma. Ana Rüsche é assim, simpática, atenciosa e prestativa. A atenção com que nos recebeu talvez sintetize melhor o seu jeito já transmitido pelos primeiros e-mails trocados: positiva, e não negativa. Mais fácil afirmar uma verdade, com convicção, do que negar um pedido qualquer inventando desculpas. Ana é direta.

Chegamos ao seu encontro no Café da Livraria Cultura, em São Paulo, com alguns minutos de antecedência. Era fim de tarde de uma terça-feira quente e úmida, um típico dia de verão, nossa primeira entrevista entre as autoras escolhidas. Planejavamos organizar a conversa antes que ela começasse de fato. Pensar antes de falar, fazer pauta, imaginar as possíveis respostas, escolher planos A, B, C e D para o caso de a entrevistada ser do tipo monossilábica e o silêncio não virar protagonista.

As mesas próximas umas das outras, a falta de cadeiras, as vozes que se encontravam e os preços absurdos do café combinaram num mesmo pensamento: trocar de ambiente.

Ana acenou de longe ainda meio confusa sobre quem éramos. Nós tínhamos visto fotos suas nos últimos dias na coluna da Mônica Bergamo, em seu site pessoal e em blogs diversos pela internet falando de seu último livro, lançado há poucas semanas, mas ela apenas nos conhecia por e-mail, sem nem mesmo ter ouvido nossas vozes ao telefone. Ela prefere a internet para combinar encontros e conversas mais curtas.

– Não uso muito o telefone, nem adianta me ligar, avisou nos primeiros e-mails.

A idéia quanto a nossa aparência e as impressões do local escolhido por ela foram as primeiras palavras que trocamos.

– As pessoas nunca são como imaginamos, antes de conhecê-las pessoalmente.

Cabelos curtos e loiros, olhos azuis escondidos atrás dos óculos. Era mais ou menos como o imaginado. A roupa despojada, blusa azul, saia multi colorida e *havaianas* roxa nos pés. Um brinco listrado em tons de

azul, um colar com vários amuletos e um anel roxo combinando com a sandália. Esperávamos alguém mais séria, surpresa agradável.

O novo local escolhido foi um restaurante, ali no Conjunto Nacional mesmo. Com seus livros que ela havia nos dado em mãos – dois exemplares para cada uma – escolhemos uma mesa mais afastada. Ana já estava familiarizada com o lugar. Seu grupo de literatura sempre leva escritores latinos àquele local. O ambiente agradável, a comida boa e, o principal, o preço acessível.

– Escritores latinos estão sempre duros.

O garçom anotou seu pedido. Uma cerveja Heineken e uma salada com frango. Perguntamos se podíamos gravar, ela concordou. Aperta o play, click, a fita travou. Aperta novamente, e agora sim, o chiado da fita rodando começa, e nossa conversa também.

Dizem que as mulheres falam demais, Ana não fugia à regra. As palavras saíam da sua boca como um tiroteio para tentar acompanhar a agilidade do cérebro e pareciam arranhar a garganta ao saírem com os erres sempre bem marcados.

A paixão pela literatura é clara: olhos que brilham ao falar de poetas e escritores de diversos países e épocas. Mas sua excitação fica por conta mesmo da América Latina. Uma das grandes inquietações é a falta de conhecimento dos brasileiros em relação à arte dos países vizinhos ou dos demais países que falam a nossa língua. Para ela, a exclusão e o preconceito do Brasil diante do restante do continente é um resquício dos anos da ditadura, quando o país tornou-se uma espécie de barreira sanitária para qualquer movimento guerrilheiro. Com isso nunca quisemos conhecer além das nossas fronteiras e sempre julgamos os outros como inferiores. O olhar errôneo, aliás, é uma via de mão dupla, já que os brasileiros são vistos como brincalhões que só gostam de curtir o carnaval, pessoas ingênuas.

– Uma vez um mexicano me falou uma coisa que eu achei o máximo, disse que nunca pensou que alguém pudesse escrever filosofia em português.

Seu espírito parece ser inquieto e o corpo muito ativo, por isso ela age. Ana participa de diversos movimentos para tentar diminuir as bar-

reiras impostas por nossas fronteiras. Ela é uma das organizadoras da FLAP (Festa Literária Alternativa à de Paraty) e do Tordesilhas, encontros que discutem literatura e que sempre contam com a presença de convidados de diversos países. Para ela, festivais independentes como esses estão contribuindo para diminuir o preconceito e quebrar barreiras culturais. É incisiva quanto à importância de inserir o Brasil nesse meio, pois a falta de diálogo reflete diretamente na produção do país, que tende a ficar mais pobre.

Ana se vê exótica. A mulher branca, loira e de cabelos incrivelmente lisos sente-se diferente por ser brasileira. Quando visita países estrangeiros sente o estereótipo pesando sobre suas costas. Por ser brasileira já recebeu cantadas que, de tão agressivas, quase foram merecedoras de tapas na cara. A imagem que os estrangeiros contruíram de uma mulher brasileira voluptuosa e amável, apesar de errada é explicada pela diversidade cultural.

– Nós temos uma sexualidade meio pervertida, a gente se consome. Eles ainda têm um outro tipo de relação amorosa.

Rüsche é de origem alemã. O estereótipo que se tem dos alemães briga com a imagem da Ana falante, liberal e sorridente. Mas ela refuta:

– A cultura alemã chega aqui muito deturpada, alemães não são tristes e bravos, só menos ligados a carinhos e a forma tátil.

A dificuldade de falar da vida pessoal é atribuída ao gene europeu. A organização e seriedade também. Cumpre a sério seus compromissos e quando toma uma decisão não há o que a faça mudar de idéia.

Na hora de optar por uma profissão, escolheu o Direito. Na verdade, sua vontade era ser musicista, já que estudou a clássica desde criança. Mas mudou de idéia quando um professor seu lhe disse que ela morreria de fome, referindo-se aos parcos salários pagos a esses profissionais. Como sempre fora boa aluna, decidiu prestar um curso mais difícil. Como não sabia o que queria da vida, optou por Direito na Universidade de São Paulo.

Foram cinco anos fazendo amigos e quase não indo às aulas. A grande descoberta da faculdade foi a literatura, um dos pontos fortes

do Largo São Francisco. Grupos se reúnem para debater seus escritos livremente, resultando inclusive em um bom número de revelações literárias para o mercado geral.

Já enraizada no mundo louco dos negócios, Ana dedicou seu último livro – **Acordados** – a narrar bastante do cotidiano ao qual se adaptara. Trabalhou com Direito internacional em um grande escritório em São Paulo. Viviam um ritmo frenético, sem tempo para o que lhe dava realmente prazer.

– De repente me vi fazendo uma conferência via telefone com o Japão às quatro horas da manhã. Àquilo não era vida.

Nessa época, era chefe dos estagiários e começou a enfrentar problemas com sua autoridade, não sabia mandar nas pessoas, dar ordens e as relações eram baseadas apenas na confiança.

– A liderança era dura, o meio dos negócios parecia um grande palco cheio de bonecos sem vida.

Ao falar de suas experiências nessa fase de vida, Ana revela uma obsessão: o suicídio. Tal pensamento parece não se encaixar na personalidade daquela mulher que até então havia se mostrado tão confiante e segura de si. Talvez a fala constante e os gestos articulados fossem uma maneira de ocultar a pessoa frágil, uma espécie de máscara para aquela personalidade.

Em uma fase da vida em que se sentia encurralada e infeliz com a rotina que levava, a idéia de se matar tornou-se constante. Depois que a mãe de um amigo se matou em um flat em São Paulo e Ana descobriu que ocorriam casos como esse semanalmente – São Paulo é a terceira metrópole do mundo no índice de suicídio – a idéia tornou-se recorrente, parte como questionamento, parte como escolha mesmo de cada um.

– Você sabia que dez comprimidos de *Tylenol* matam uma pessoa? E é algo que vende em farmácia!

Essa fase passou graças à ajuda do ex-namorado Urso, a quem ela dedica seus primeiros livros, e a mudança de emprego. Atualmente leva uma vida mais tranqüila e que lhe proporciona prazer. Esse, aliás, parece ser seu lema hoje: fazer apenas o que lhe dá prazer.

A mulher apaixonada parece ter uma energia diferente. Uma espécie de inquietação no olhar. Ana virou o rosto de lado e deu um sorriso de canto de boca quando perguntamos do seu novo namorado. Ela estava apaixonada.

O casal se viu pela primeira vez em um encontro de literatura no México. Alan é um poeta guatemateco badalado que se autodenominava a estrela do festival. A princípio, o achou muito metido, tanto que comprou uma de suas obras, até então desconhecidas, para ver se ele era tudo aquilo mesmo. E era, conta radiante.

Juntos há alguns meses, Alan deve vir morar no Brasil no próximo mês. A história dos dois é recheada de coincidências e por mais clichê que pareça é uma história de amor.

– Você acredita em destino? – perguntamos.

– Então, você sabe que não. Mas agora estou começando a acreditar. Sempre fui muito cética, mas esses acontecimentos estão mudando minha cabeça.

Em tom confessional, Ana diz que a distância é difícil em qualquer relação, mas a conexão é tanta que a união é tranqüila. A mulher segura volta quando o assunto é o ciúme.

– Chegamos à compreensão de que nós dois tínhamos uma ‘vida louca’ com outras pessoas e com relação a drogas. Agora as coisas se encaixaram e esse vazio foi preenchido.

Os poemas são a forma de comunicação entre eles e o que mais gostam de fazer.

– Ele foi uma reviravolta que eu precisava ter.

Ana Rüsche é daquelas pessoas que à primeira vista já parecem dizer tudo. No entanto, aos poucos se percebe que sua personalidade é cheia de surpresas.

– Eu adoro enganar as pessoas.

Criar imagens de si mesma, variações de uma mesma personalidade é um dom de Ana e ela é boa, convence sempre os mais desavisados. Quando era advogada ninguém poderia suspeitar que não gostava daquela rotina. Mesmo ao tentar fazer um personagem autobiográfico, se perde por sentir-se invadida.

-Tento fazer algo sobre mim mesma, mas nunca consigo porque eu começo a inventar personagem, começo a mentir.

Com as declarações de Ana começamos a duvidar se aquela conversa cheia de histórias íntimas estava realmente agradando a escritora e se ela estava sendo honesta em todas suas respostas.

Sentar em uma das mesas da praça Roosevelt, tomar uma cerveja e conversar logo depois de ter assistido a uma peça de teatro dos Satyros é um dos programas preferidos dessa apaixonada pelo teatro. A diversidade de pessoas e a cultura que pulsa naquela região têm um tom familiar para Ana. Apesar de ter escrito uma peça que vai estreiar em breve, para ela, a graça de gostar muito de uma coisa não é atuar nela diretamente. No momento, ela prefere manter-se como espectadora. O texto foi escrito a pedido do grupo de teatro Satirianas e se chama *Do amor, o dia que Rimbaud decidiu vender as armas*. A história de uma garota que trata o amor como uma mercadoria e somente quando se apaixona por um escritor consegue ir mais fundo no sentimento mexe hoje com a autora. Ana pára de falar, solta um suspiro e diz que o mais bonito da peça é a semelhança com a história que está experimentando com Alan. Ela ainda explica que no romantismo havia uma tradição de que a poesia tinha o poder de prever o futuro. Seu olhar volta a brilhar de uma forma diferente. O engraçado é que Ana sempre tem argumentos, explicações para os fatos e até para os sentimentos. Um traço questionador evidente.

O cinema é uma arte da qual Ana não gosta. Por envolver muito dinheiro, acredita que as pessoas não têm liberdade para se expressar.

– Um filme nunca será bom e inovador na linguagem, pois os produtores são condenados a seguir um esquema pré-determinado.

A preferência é por temas com apelo político, que questionem algo. Insaciável, afirma que um filme nunca é suficientemente bom porque sempre chega a um ponto do qual é proibido se falar, deixando as verdades sempre nas entrelinhas. Mais uma vez a paixão pelo teatro volta à tona.

– Por exemplo, a peça de Teatro Mercadoria é quase um debate. E é cheio, tem público, tem gente querendo aquilo.

Quase dez horas, mais um aceno para o garçom e Ana pede a quarta cerveja da noite. Ela sorri e diz:

-Bebo bem. Aliás, para eu ficar com um homem ele tem que me bater no copo, senão não dá.

As cervejas e as conversas nas mesas de bar já renderam bons frutos. Segundo Ana, beber nos lugares certos faz com que você conheça as pessoas certas. Foi numa conversa na Rua Augusta que ela conheceu uma jornalista que a indicou para a coluna da Mônica Bergamo na Folha de S. Paulo, onde apareceu sorridente em fotos em cima de um prédio da Avenida Paulista para divulgar o livro **Acordados**. Ana também acha que a literatura é muito mal divulgada e o público não tem noção do que ocorre nesse meio. Literatura é a arte que menos aparece nos jornais.

Ela prefere ser discreta e independente no que diz respeito aos seus livros. Publicações de grandes editoras, acompanhadas de divulgação publicitária não lhe agradam, mas entende que a propaganda comercial ajuda na hora de vender. Quando lançou o livro de poesias **Rasgada**, um amigo que trabalhava na Livraria Cultura colocou-o exposto na vitrine. O resultado, em apenas uma semana, foi a venda de 37 exemplares. Ela atribui o sucesso ao preço baixo e ao fato de o livro ter o “aval” da livraria, já que se encontrava em lugar de destaque. Atualmente, Ana opta por vender sua obra apenas em dois sebos e publicá-las por editoras pequenas, pois acredita que assim eles chegarão às mãos certas. Por acreditar que eles rotulam demais os artistas e tolhem a criatividade, fugiu dos grandes pontos de venda.

– Somos independentes com classe, não independentes pobres – afirma ao se referir à qualidade dos livros e ao trabalho que eles dão.

Dez anos foi o tempo que levou para escrever seu último livro. Obsessiva pelas palavras e pelo discurso, Ana reescreveu o livro inteiro quatro vezes. Desde o primeiro livro de poesias busca metodicamente a palavra ideal em cada frase. É extremamente perfeccionista com a escolha de cada vocábulo, prestando sempre atenção ao seu sentido e ao seu papel dentro da frase.

– Todas as poesias selecionadas para o livro foram construídas depois de muita conversa com amigos e releituras que me davam novas formações para a mesma idéia que eu queria passar.

O discurso indireto livre tinha grande apelo psicológico em seu primeiro romance, mas mantinha a história distante do leitor. Após ler *A Costa dos Murmúrios*, da escritora portuguesa Lídia Jorge, ela viu que precisava também de uma narradora para **Acordados**. Criou, então, uma narradora reprimida, recalcada, com vários problemas e tendências suicidas. A personagem até parece uma referência à Ana de algum tempo atrás, apesar da escritora afirmar sua dificuldade em se mostrar em seus livros. Ela se jogou de cabeça na vida dessa mulher e se esforçou para compreender seus dramas e sustentar a sua voz, por alguns momentos a escritora e a narradora se confundem e adquirem a mesma personalidade. E isso se torna extremamente exaustivo para a Ana. Criar uma personalidade que ela afirma ser tão distinta da sua se torna um peso que só vai embora quando o livro acaba.

Ana não escreve para alguém em especial, apenas pensa no efeito de sentido que suas palavras terão. Nesse momento deixa transparecer suas raízes alemãs. É séria e dura. Usa uma linguagem rebuscada para falar de coisas do cotidiano e isso pode causar estranhamento, mas ela acredita que não deve menosprezar seu público.

-Nada de palavras mastigadas. Todos são capazes de entender mesmo que não sejam profundos conhecedores da literatura e da linguagem. O leitor precisa se debruçar e se entregar à obra para entender aquele universo. Ele é desafiado a ser mais, a produzir algo e a discutir sua condição como ser humano.

As idéias vêm sempre como um turbilhão na mente da escritora, mas para ela o grande problema é conseguir transformar tantas informações em texto. Por isso, ela tenta se disciplinar a escrever um pouco todos os dias e foi assim que surgiu o seu blog *Peixe de Aquário*, espaço que criou para se forçar a pensar sobre literatura sempre, quase como uma meditação em meio à rotina cansativa dos escritórios. Ali também é sua área de testes – quando tem alguma dúvida sobre algum poema ou texto publica

na Internet e espera os comentários dos amigos. Ela lida bem com as críticas e acha que isso é uma forma de enriquecer sua escrita.

O celular toca dentro da bolsa. É Cláudia, a coordenadora de um cursinho onde ela dá aula e que paga metade do seu salário. Enquanto fala ao telefone ela imita uma boca abrindo e fechando com as mãos e balbucia:

– Ela fala demais.

A conversa gira em volta de uma virose ou talvez dengue que Ana pegou e que a fez faltar em algumas aulas, mais ou menos cinco minutos depois ela interrompe o assunto dizendo que está no meio de uma entrevista e que irá retornar a ligação depois.

Ana dá aulas em um cursinho conveniado com o Instituto Rio Branco, ajuda futuros diplomatas a ingressar na carreira. No começo, ela dava aulas de direito internacional, mas com o tempo deu um jeito de começar a trabalhar com lingüística e hoje ensina sobre os livros obrigatórios para a prova. Além disso, cuida da parte de cultura e atendimento à imprensa do Instituto Martius-Staden. Lá ela sempre se vê rodeada pela arte, promovendo concertos, exposições e palestras ligadas à cultura alemã. Tantas funções, além de lhe serem prazerosas, são necessárias, afinal, para ela é quase impossível viver de literatura no Brasil. O dinheiro ganho com seus textos serve apenas para incrementar a renda e ela faz questão de reapplicá-lo em coisas ligadas à literatura.

Seus pais se casaram na capela da Universidade PUC. A noiva usava um vestido rosa e o noivo, camiseta *baby look*. Segundo Ana, hoje eles são normais, conta e rindo da situação e acrescentando que em sua casa nunca houve televisão ou babá, comum na maioria das casas brasileiras.

Sua mãe, professora em escolas públicas, desde cedo incentivou os dois filhos a ler. Ana lia muito e sobre qualquer tema. Já aos oito anos mergulhava em livros de quase duzentas páginas, ganhando todos os concursos literários do colégio.

– Tinha vergonha de ganhar, mas não tinha jeito, se tem uma coisa para a qual fui criada, foi pra isso.

Seus colegas de classe eram milionários e não possuíam apenas carros importados, andavam freqüentemente de helicóptero. Ana fre-

qüentou o Colégio Visconde de Porto Seguro – tradicional escola de São Paulo com raízes alemãs – até sua formatura do colegial. Apesar de ser classe média conseguiu frequentar o colégio devido a sua descendência. Enquanto recebia uma das melhores formações educacionais do país, conviveu com a elite paulistana e o que mais a marcou foi a mentalidade de que apenas aquele seletivo grupo era digno. As outras pessoas simplesmente não eram gente. Naquele ambiente hostil e sem a calça jeans da última coleção ela conseguiu sobreviver por ser uma adolescente descolada, essa sendo sua forma de lutar contra a segregação.

Quase onze horas da noite e a chuva que caía torrencialmente na Avenida Paulista desde às oito resolveu dar uma trégua; já estava quase na hora de ir embora. Ana ainda falou um pouco mais sobre relacionamentos e sobre o meio literário. Uma frase ficou martelando nossas cabeças alguns dias após a entrevista:

– Homens não resistem a mulheres que escrevam para eles.



Ana Rüsche nasceu em São Paulo no dia 14/09/1979. Gosta de contrastes, nasceu poeta e se fez advogada. Formou-se na Faculdade de Direito da USP. Atualmente, está concluindo o curso de Letras na mesma Universidade. Publicou os livros *Rasgada* (Ed. Quinze & Trinta, 2005), *Sarabanda – Um Caderno de Estudos* (Selo Demônio Negro, 2007) e *Acordados* (Selo Demônio Negro, 2007). Para desabafar escreve diariamente no blog Peixe de Aquário (<http://peixedeaquario.zip.net>).

Capítulo 2

Tom de menina, ideais de mulher

“Foi um sonho triste, mas todas as pessoas que nascem vão morrer, eu sei disso. A avó dele morreu, eu e Fabrício vamos morrer. Porém antes de nós dois, morreu a criança que podia ser nossa e talvez não fosse”.

(Calcinha no Varal - Sabina Anzuategui)

Um pequeno livro. Nele continham algumas gravuras feitas à mão com traços nada firmes e cores misturadas. Pequenas histórias acompanhavam os desenhos. O conteúdo infantil e a caligrafia denunciavam o autor: uma criança.

Este acanhado objeto se tornou o primeiro contato real da escritora Sabina com a literatura. O material, produzido por um dos alunos da quarta série, foi distribuído pelos professores quando ela ainda estava no primeiro ano do ensino fundamental. Os pais do garoto haviam feito uma impressão caseira para divulgar o trabalho do filho.

Sabina fica em silêncio, pisca os olhos e respira fundo alertando sobre a característica que comprovaríamos mais tarde: sua memória é sempre carregada de detalhes.

– Eu tinha uma relação muito distante com quem escrevia livros ou trabalhava na televisão. Parecia que todos dessa área eram de outro Estado ou País.

A proximidade com o autor daquele pequeno livro marcou Sabina. Pouco tempo depois, aos 11 anos, foi a vez da jovem escritora ver suas frases e palavras soltas combinadas em um livrinho também recheado de desenhos. Foi seu próprio pai quem deu a idéia da publicação. Funcionário de uma gráfica que imprimia folhetos, ele pediu que fizesse desenhos para ilustrar a redação sobre uma menina e umas questões abstratas que tinha feito para a escola.

– Ele separou e organizou as frases que eu escolhi, colocou um desenho para cada página, arrumou algumas palavras que eu tinha escrito errado, imprimiu em uma ‘brochurinha’ e distribuiu pros amigos dele, professores e conhecidos.

A menina via agora a mesma façanha de seu colega sendo realizado por ela, a sensação do sucesso daquele pequeno material continuou junto à escritora ao longo dos anos.

– Eu acho que isso me impressionou muito na época porque todos vinham me elogiar e eu me achava super especial.

Sabina é de Curitiba, tem descendência italiana do lado materno, uma mistura espanhola com os países bascos, e uma história meio perdida no

tempo, do lado do avô paterno, que chegou no Brasil pelo Paraguai. O sobrenome de difícil pronúncia, Anzuategui, vem da região basca que ela nunca soube direito a origem, nem ao menos a forma correta de pronúncia.

– Eu leio em português, cada um me fala que é de um jeito, só indo atrás pra descobrir – conta com a tranquilidade que marcaria toda conversa.

Formada pela Universidade de São Paulo no curso de Cinema, Sabina chegou a São Paulo aos 18 anos com a vontade adolescente de se virar sozinha e conquistar a liberdade que não tinha ao lado da mãe em Curitiba.

– Na época minha família era muito tensa, minha mãe se separou quando eu era pequena e passou uns dez anos só trabalhando pra pagar contas. Ela não namorava, era estressada, nervosa e muito ciumenta, não me deixava sair de casa.

A escolha pela USP foi mera falta de opção. Sabina não queria nem Letras, nem Jornalismo. No primeiro achava que só poderia ser professora, no segundo sentia falta de escrever ficção. No curso de Cinema poderia juntar a vontade de escrever à de criar. Já no manual do candidato era apresentada a aula de roteiro com a descrição de que ensinariam a escrever personagens.

Na capital paulista, Sabina teve a típica vida de estudante: pouco dinheiro, pouco conforto, muita energia. Morou em várias repúblicas, pensões, com amigos, amigas, amigos e amigas, dormiu meses em cima de edredons porque não tinha colchão, comia ‘gororoba’, ficou tempos sem geladeira, televisão, telefone, passando por diversas situações tidas como problema em relação a conforto, mas que não chegam a ser nem lembranças de tempos difíceis.

– Uma das casas em que morei durante um ano ficava na frente do cemitério da Rua Cardeal Arco Verde, em Pinheiros. Era um sobrado que o cara tinha dividido em três: no térreo uma loja, no andar de cima a casa dele e em baixo, um porão. Foi esse espaço que ele alugou pra gente.

A mãe de Sabina achou aquela situação um absurdo, mas para a estudante aquele local era barato e espaçoso.

Casada desde 2005 com um produtor de cinema, Sabina fala da época da faculdade com felicidade:

– Quando vou ao supermercado – meu marido gosta da casa cheia de comida – eu encho o carrinho. Quando vejo uma moça com umas sacolinhas e pouca coisa, percebo que é uma pessoa que mora sozinha, sinto uma nostalgia.

Ao falar do casamento, Sabina ri do que aconteceu pela manhã ao ler o jornal. Seu marido, o cineasta Alain Fresnot que dirigiu *Ed Morte* (1996), está produzindo um documentário sobre a vida do cantor Raul Seixas. Quando era mais novo namorou Helena Coutinho, a última namorada do cantor, e ele contou isso à repórter da coluna da Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo. O jornalista prontamente deduziu como: ‘Alain Fresnot está começando um documentário sobre Raul Seixas, ele é casado com Helena Coutinho, ex-namorada do cantor’. Sabina brinca:

– Bígamo.

Quanto aos relacionamentos amorosos ela trata logo de contar sua teoria baseada em seus amores e os dois únicos namorados.

– Eu percebi que sempre me apaixonava por homens que achava carentes, uma coisa meio de dó, não no sentido maternal, mas como eu me sentia um pouco carente também, me atraía. E acho que não é coincidência o meu namorado da faculdade e o meu marido não terem muita família.

A voz calma, acompanhada de olhares e trejeitos inquietos, mostra uma Sabina multifacetada. A infância marcada pela presença fortemente materna e a relação entre as pessoas parecem guiar todas suas respostas, traçando sua personalidade. Diante de uma pergunta sobre o amor, Sabina arregala e fecha os olhos rapidamente, pensa por poucos segundos e traz a infância de volta.

– Na minha vida eu sempre considero o amor vinculado à infância, com a memória da família, tendo sempre a me ligar com pessoas nas quais sinto um ar familiar. Minhas amigas estão todas aqui em São Paulo, são pessoas que eu gosto de freqüentar a casa, conviver com seus filhos. Amizade é uma espécie de amor, não é?

Definir o amor não é lá tarefa das mais simples. Sabina questiona confirmando. Fala de amizade como quem fala de amor, faz a relação

necessária. Não há amizade sem amor. Em seguida justifica com outra teoria que defende: a importância da primeira infância.

– Os psicólogos dizem que nessa fase estabelecemos nossos vínculos e afloramos os sentimentos, mas eu acho que isso vai além dos sentimentos, mexe até com a moda. Eu gosto muito de um estilo meio *hippie*, dos anos 70, e eu era bebezinho nessa época. Esteticamente as roupas dessa época eram igualmente horrorosas as dos anos 80, mas a minha teoria é exatamente essa. Você é um bebezinho e tudo que está à sua volta te marca de alguma forma – e logo completa – Acho que o amor é isso também.

Nosso encontro acontece primeiro numa sala pequena, dentro da biblioteca da Faculdade Cásper Líbero, e depois na sala ao lado, um pouco maior. São mesas claras, quatro cadeiras para cada, a parede branca, limpa, e um movimento tranqüilo de alunos, próprio dos finais de sextas-feiras nas Faculdades. Sabina escolheu seu ambiente de trabalho, onde dá aula de roteiro de televisão e coordena o curso de Rádio e TV, mais pela facilidade, mas a impressão de lugar ideal é logo a primeira que temos ao sentar isoladas no canto. O silêncio e a paz que encontramos condizem, e muito, com a fala pausada e fina da escritora que nos recebe.

A roupa folgada, os brincos e colares com pingentes trazem à tona a imagem *hippie* que Sabina descreveu durante a conversa.

– Minha psicóloga diz que eu passo uma aparência de mais calma, de ser mais boazinha do que realmente sou.

Sobre a verdade do que é e o que as pessoas vêem, ela divide em fases mutáveis.

– Na faculdade era muito energética, um pouco agressiva até. Depois do casamento passei a ter mais tranqüilidade, mas isso também está me cansando ultimamente...

A imagem doce de Sabina vai se transformando enquanto ela lembra de seus vários humores ao longo da vida.

– A primeira vez que eu fui ao psicólogo ele disse que eu tinha um início de transtorno bipolar. Tive fases em que briguei muito com algumas pessoas que devem me achar arrogante e agressiva, mas eu tive

momentos também de depressão forte que as pessoas devem ter me achado completamente passiva, sem energia.

A carreira como professora veio nesse ritmo de mudança de fases. O primeiro emprego foi em uma editora de comércio exterior. Sabina era revisora de uma compilação de leis que saíam no Diário Oficial repassadas pelos jornalistas de um modo mais informal. Apesar de ficar com o trabalho mais chato, já que era a revisora mais nova, Sabina conta com alegria da experiência que durou mais de um ano.

– Lembro de uma das leis que era sobre os estabelecimentos dos passaportes para cavalos. Quando você transporta um cavalo de um país para o outro, ele precisa de um passaporte, e aí tinha um modelo a seguir, tinham as manchas dos cavalos, era uma coisa engraçadíssima.

Depois trabalhou em uma produtora de cinema, começou o mestrado, ganhou uma bolsa de estudos e passou dois anos com o que ganhava da bolsa. Quando já estava numa fase mais sossegada, em 2002, veio o convite para dar aulas. Acostumada com alguns cursos rápidos e oficinas que ministrou, o início foi meio assustador já que os alunos eram muito novos, do primeiro ano da faculdade.

– Essa faixa etária é muito complicada, é quase um colegial. No primeiro ano da faculdade apenas uma parte muito pequena – os dez alunos da primeira fileira – sabe porque estão ali.

O aprendizado como professora ainda está em processo. A lembrança dos professores de sua época, a experiência e conselhos da mãe, também professora, foram, e ainda são, os guias que a regem.

– Eu fui aprendendo que com aluno dessa idade você deve ter um pouco de autoridade, não pode ser colega. Minha mãe dizia que o que segura a maioria dos alunos é presença e nota, então, se você não consegue argumentar, apela para isso.

Sobre sua postura, Sabina se define como uma “falsa brava” e admite se irritar com as conversas do pessoal do fundo. Para isso pensou numa solução que está em fase de teste: o uso do microfone. Ela acredita que por ter um tom de voz baixo as pessoas não consigam escuta-la direito e acabam por se dispersar.

Desde o início da conversa é visível a paixão de Sabina pelos estudos e pela escrita, e ela não deixa de associar sua vida a eles.

– Uma das coisas mais importantes pra mim é esse vínculo com a Universidade, com a escola de maneira geral. Sempre gostei de estudar, é muito importante essa idéia de ainda estar estudando e descobrindo coisas.

A necessidade de escrever se tornou vital e veio naturalmente na adolescência quando começaram a surgir os primeiros conflitos internos. E a família pouco moderna que não acreditava em terapia e psicoanálise contribuiu para a intensidade de sua escrita.

– Eu acho que tinha muitas angústias pessoais que eu só aliviava escrevendo. Talvez se minha mãe tivesse me levado a um terapeuta, eu tivesse resolvido meus problemas e nem procurasse tanto os livros.

Uma matéria lida por Sabina no blog de uma jornalista deixa clara uma relação que ela estabelece entre a leitura e a escrita. O artigo tenta explicar o porque de algumas pessoas gostarem de livros e outras não. Ela fala da generalização dos programas de distribuição de livros que atingem a todos sem focar em alguém especificamente. O artigo questiona o momento em que a leitura se torna importante para um e passa batido para outro. Nesse sentido Sabina iguala a explicação à escrita.

Todos os livros têm uma espécie de conteúdo humano, são histórias de vida que aproximam o leitor. As pessoas que têm algum problema e angústia de repente encontram uma resposta na literatura e acabam criando um vínculo com aquilo. Sobre os escritores que produzem alguma coisa na juventude e abandonam a escrita mais tarde Sabina já se exclui completamente:

– Não consigo me ver sem escrever.

O processo de reconhecimento é outro fator que ganha importância. Desde o primeiro livrinho publicado ainda criança, Sabina nunca mais deixou de buscar aquela sensação que o ‘sucesso’ lhe trazia. A noção de que os adultos gostam de qualquer trabalho feito pelas crianças não era clara naquela época, e ela ficou com a idéia de que tinha talento, era especial.

Nos anos seguintes, aos 12 ou 13 anos, Sabina passou a conviver com um sonho que a rondava todas as noites. Sonhava que escrevia um livro com uma história inteira de ficção científica.

– Eu acordava e não conseguia escrever, aquilo foi virando obsessão, eu acho que fiquei tentando recuperar aquele sucessozinho do livro que meu pai fez.

Já adulta a interpretação fica mais clara. Na época, Sabina escrevia poesias soltas, pegava os livros do curso de inglês e tentava traduzir sempre pensando no formato que aquilo poderia ter.

Publicado em 2002, o romance **Calcinha no Varal** aconteceu de forma inesperada depois de várias fases de construção, revisão e reconstrução. Em 1997, Sabina tinha uma coleção de contos sempre ao redor da mesma personagem que carregava seu próprio nome, todos os diálogos são dirigidos à ela. Conforme as pessoas iam lendo, as opiniões iam se juntando na mesma idéia de amarrar tudo e prolongar as cenas em um romance. A idéia entusiasmou a escritora que não conseguia fazer o enlace de jeito nenhum. Após algumas tentativas, Sabina partiu para uma outra história com uma preocupação maior sobre a linguagem.

– As editoras liam meus textos e davam dicas que eu achava sempre estarem relacionadas ao estilo literário. Passei a escrever o **Três piscinans**, com frases mais longas. Outro problema encontrado era com relação à estabilidade do narrador, o dono da editora dizia que eu usava metalinguagem que ele não gostava. O narrador parecia falar com o leitor. Ao mesmo tempo comecei a escrever **O fogão explodiu**.

Cinco anos depois, entre as novas histórias que nasciam, Sabina conseguiu fazer a ligação entre aqueles contos que guardara na gaveta, e em cerca de oito meses o livro ficou pronto.

– Misturei uns personagens, coisas que aconteciam com homens diferentes eu coloquei no corpo de um homem só, troquei o que tinha acontecido comigo pela voz de outros personagens, tentei dar uma costurada para que aquilo fizesse sentido.

A personagem central do livro, Juliana, foi construída a partir de suas experiências. E aos poucos histórias que ela ouvia e as que ela vivia iam se misturando. A trama se passa na Universidade de São Paulo e suas dependências.

– Na estrutura que eu bolei teria uma jovem que vive com uma amiga, que tem seu primeiro namorado na faculdade, e que no final optaria pela amiga no lugar do namorado. Na minha época de estudante era comum meninas virarem gays, eu sempre ficava na dúvida se aquilo era real ou apenas reflexo da moda.

A escritora queria o final surpreendente, diferente dos filmes e novelas que resolvem os conflitos amorosos dos casais. Optou pelo final que achava menos clichê.

Ao contrário de suas expectativas, a editora acabou optando por publicar **Calcinha no Varal**, recusando duas vezes o outro com a linguagem mais séria.

– Na minha cabeça, esse ia ser aprovado pelas editoras porque eu segui mais à risca a linguagem que eles me pediram.

A média de leitores para uma escritora iniciante foi satisfatória, conseguiu seu espaço. Foram vendidas 2.500 cópias, considerando que cada uma foi lida por cerca de três pessoas, chega-se aos 7.500 leitores.

Na época do lançamento, o livro ganhou repercussão especial no jornal. O psicanalista Contardo Calligaris, que assina coluna às quintas-feiras, rasgou elogios a primeira obra publicada da escritora. Sabina conta que não esperava uma coluna inteira sobre o seu livro. Sem contato algum dentro do jornal, ela mandou um e-mail para o endereço oferecido após cada artigo, ao lado da assinatura, sem grandes expectativas. Segundo ela, se utilizou a cara-de-pau para perguntar se podia mandar o texto. Contardo aceitou e ainda fez uma crítica bastante positiva no jornal: “O que me mais me impressionou é que, mesmo quando a situação é escabrosa ou tensa de doer, a narração e os diálogos são pudicos, contidos. A amor que nos é apresentado é vivido numa economia de palavras e de gestos que é uma forma extrema de respeito”. Calligaris elogia e recomenda. Essa talvez seja parte do reconhecimento que Sabina procura recuperar desde o primeiro livrinho da primeira série.

– Quando era mais nova não queria ir para uma editora pequena porque eu achava que era algo fácil e sem repercussão nenhuma. Têm milhares de livros publicados que ninguém ouviu falar. Não que eu

quisesse ser famosíssima, mas eu queria pelo menos que as pessoas lessem meu livro.

No caso de Sabina ela busca uma extensão do que produz, um eco sobre as suas palavras. Por isso a facilidade em lidar com as respostas negativas das editoras e acatar as dicas passadas.

– Os ajustes que me passavam no sentido de aproximar o leitor do texto sempre foram bem-vindos. São pessoas mais experientes que melhoram meu trabalho. Se dá pra ser melhor por que não mexer? Acho uma bobagem isso de não mudar nada, porque é minha obra.

Disciplinada depois de tanto ouvir a recomendação dos outros na hora de escrever, Sabina já não espera por momentos de inspiração para produzir.

– Normalmente eu vou anotando as minhas idéias para sentar e começar a desenvolver em cima daquilo. Não consigo parar na frente do computador e deixar as palavras me conduzirem. Parto de uma idéia já pensada.

Mas não foi sempre assim. Antes dependia muito dos momentos de inspiração. E no caso de Sabina não eram inspirações positivas, ela precisava de angústias para que pudesse resolver seus problemas através da escrita.

Como leitora, a escritora passa por um momento de mudança, também tentando se adaptar a uma certa disciplina. Para ter uma visão mais completa e histórica se dedica a literatura brasileira. Os escritores da vez são Lima Barreto e Oswald de Andrade. Ao mesmo tempo, se divide entre os vários presentes que ganha de amigos e da mãe.

– Ganhei esse último do Philip Roth, *Homem comum*, que não gostei muito. Tem também o *Acordados*, de uma escritora nova, a Ana Rüsche, que eu ganhei de uma amiga e pretendo começar, tem ainda um livro que reúne algumas peças de teatro revolucionário do século 20, que me estimulou a ler todas as peças citadas, porque antes eu só tinha ouvido falar do Bertold Brecht.

Sabina tenta ser um pouco sistemática para não acabar se dispersando. Para defender tal idéia lembra a frase que ouviu de algum autor francês que não se recorda o nome “Eu não leio russo. Eu sei que os russos são importantes, mas eu não tenho tempo para ler tudo”.

Nesse sentido Sabina logo se coloca na mesma situação e garante que praticamente não lê nem os americanos nem os ingleses, se concentrando na produção latina.

A característica nacionalista é comumente notada em suas respostas. Talvez até por oposição aos que só reclamam do país, Sabina tem bons argumentos em sua defesa. Primeiro a birra com parte da classe média que ovaciona os países de primeiro mundo com a expressão “lá fora”, como se “lá fora” fosse sempre bem melhor.

– Ninguém fala ‘lá fora’ quando vai pra Bolívia – fala com certa ironia. – Isso me causa angústia, você vai passar a vida inteira achando que o mundo bom está lá fora e que você vive num submundo? Supondo que essa idéia seja verdadeira, então você pega, junta um dinheiro e vai viver fora do Brasil. Você vai levar a sua família inteira? Os amigos? A idéia de ter essa ruptura total e ter que reconstruir os laços pra mim é muito difícil.

A distância entre São Paulo e Curitiba já é complicada para ela. Ironicamente Sabina lembra de suas passagens pela Europa em que acontecia exatamente o movimento contrário às impressões que as outras pessoas costumam ter. Em vez de salientar as qualidades de determinados países, passava a procurar os pontos fracos, os detalhes que tornavam tal país inferior ao Brasil.

O assunto mexe com os brios de Sabina. É notável o inconformismo com tal pensamento. É engraçado como suas características vão se completando a cada momento da entrevista. A estatura alta, o cabelo escuro, os traços fortes de estrutura óssea firme, os olhos grandes e pretos agora se tornam sobressalentes à voz baixa e tranqüila. Impressão exatamente oposta a primeira tida no início do encontro. As idéias defendidas com segurança remontam a personagem imaginada anteriormente.

A função de escritora para a sociedade tem grande valor segundo seus ideais:

– Eu acho que temos um papel enquanto mulheres. Porque se você tem uma literatura só feita por homens não podemos negar que existe muito clichê em cima da figura feminina. Por exemplo, essa figura da

mulher fatal, super sensual, que não é fiel e que deixa o homem cada vez mais preocupado até que ele vai ao fracasso em cima dessa paixão não correspondida, é fantasiosa. Na literatura essa figura é recorrente, simboliza, psicologicamente, vários medos masculinos, e não são testemunhos reais das mulheres.

Quando estive em Berlim, num museu judaico, folheou um livro do século XVI que era um diário de uma mulher com cerca de 40 anos que tinha perdido o marido e passado a cuidar de seus negócios para poder sustentar os três filhos e não passar fome.

– Não sei se foi publicado, eu vi o manuscrito e fiquei imaginando como seria se todas as épocas tivessem um registro desses escrito por mulheres.

Sabina precisa voltar para a sala de aula. Já com uma imagem quase pronta na cabeça, perguntamos sobre como se vê.

– Se você faz um esforço de memória para lembrar detalhadamente tudo que aconteceu na sua vida e tenta interpretar aquilo, vai ver que não é exatamente quem você acha que é.

A curitibana Sabina Anzuategui nasceu no dia 1 de junho de 1974. Formada em Cinema pela USP, atualmente é coordenadora do curso de Rádio e TV da Faculdade Cásper Líbero. Publicou o livro *Calcinha no Varal* (Cia. Das Letras, 2005) e mantém o blog *Limas da Pérsia* (www.limasdapersia.blogspot.com), que segundo ela é o menos acessado da Internet.



Capítulo 3

Contar histórias, escrever sentimentos

“Sei que o verão está a pino quando a boca transpira, salivo. No apartamento a maresia chora, quer que eu vá pra orla. O verão exige atenção, estendo o lençol na areia, me deito e te espero. Não quero sombra, senão confundo teu paladar. O vento é um gourmet de mulheres, se deita nas adocicadas, passa ao largo das amargas. Podia me soprar nem que fosse à noite, pra esfriar a carne e não queimar a boca do homem que escolhi. Você virá, uma hora sopra o vento solar. Mudo de posição pra dourar as costas, me lambuzo com mel e cenoura. O sol sabe que meu sabor é saudade, não oferenda”.

(Engano seu - Andréa del Fuego)

Uma foto pelada para anunciar um livro que não tinha nem projeto direito. Foi com essa história louca e divertida que Andréa nos mostrou pela primeira vez a característica marcante que ia nos envolver numa conversa de mais de duas horas numa doceria em São Paulo: o bom humor de riso solto e fácil. Ela tinha apenas 20 anos e já escrevia folhas e folhas de textos que lhe saíam de algum lugar, mas que nem sabia direito como funcionava. Não tinha nenhum livro publicado, era escritora de nascença e já vivia com seu namorado, marido, homem, companheiro até hoje. A idéia maluca de ficar nua para promover o lançamento de um livro de contos eróticos foi dela. Eram três amigas que se divertiam num projeto sem grandes convicções.

– Queríamos escrever, eu já tinha alguns textos e aquilo tudo era engraçado demais para não ir em frente.

As outras duas escritoras e amigas eram a Syang – que na época já era um tipo de pop star, integrante de uma banda de *hardcore* chamada P.U.S – e a Ana Ferreira, que até então assinava com o sobrenome do marido Kiko Zambianchi, compositor e cantor. O tema era livre dentro do propósito de se criar personagens e ilustrar com fotos que se completariam num mesmo enredo.

– Estávamos na cozinha comendo cachorro quente quando a Ana veio com a idéia de um livro erótico, ela já escrevia peças com o Marcelo Rubens Paiva, a Syang compunha letras de música com o Kiko e eu tinha meus textos de velha data guardados.

A Syang, que tinha alguma noção de divulgação e contatos com a imprensa, lançou a idéia que cresceu a ponto das três irem parar num estúdio para fazer a foto de lançamento de um livro que não tinha nem nome, nem editora, nem qualquer coisa concreta. O figurino escolhido pela produção era uma saia curta, uma pena, dessas para escrever, um caderninho e um livrinho. A pose estabelecida era um mini trenzinho com uma atrás da outra segurando cada uma o seu kit: caderno e pena. A bizarrice daquilo tudo inspirou Andréa a lançar a idéia original de saírem peladas mesmo. Foi assim que aconteceu. Uma foto bem pequena no canto da página com as três sentadas em seqüência. Andréa conta entre muitas risadas.

– Parece outra encarnação tudo isso. Ninguém viu e nem vai ver, mas eu posso jurar que foi bem melhor pelada.

O projeto ainda rendeu fotos e vídeos feitos pelas próprias escritoras na pele de suas personagens.

– Eu tinha um conto sobre uma mulher devota de São Jorge que tinha sonhos eróticos com o santo. Tenho até hoje fotos minhas com um véu, ajoelhada embaixo de um altar e segurando uma espada.

Felizmente, segundo a própria escritora o livro não vingou.

– Graças a Deus, ou ao nosso bom senso, paramos por aí.

O erotismo foi o primeiro tema explorado por Andréa. A escritora ri do assunto. Sempre encarou o sexo como uma coisa mais engraçada e não para ser levada a sério. Claro que vê o prazer nos relacionamentos de verdade, fala do afeto, da vontade de se ter um ao outro, mas no caso da literatura erótica se diverte mesmo, acha o tema bem humorado e leve.

Quando conheceu a obra da francesa Annick de Souzenelle ficou alucinada para escrever aquilo. Os contos delicados, falsamente contidos, transbordando elegância e cultura francesa encantaram Andréa que se apegou muito ao estilo que começava a desenvolver.

– Fiquei com vontade de escrever sobre o relacionamento entre homem e mulher, era um tesão criar textos a partir disso. O desejo de um pelo outro, de um tomar o outro, uma coisa de poder mesmo. De o homem dominar a mulher, da mulher comer o cara.

Andréa faz gestos que dão força às suas palavras. Levanta o braço, abre e fecha as mãos, como se pudesse de fato pegar o outro, literalmente. A questão da liberdade da mulher com o próprio corpo foi a bandeira inicial que a escritora levantara ainda sem ter consciência exata sobre isso. Andréa falava do que vivia.

– Acho que tinha a ver com as pulsões mesmo da fase de vida que eu passava.

Com apenas 16 anos, saiu de casa para morar com André, o fotógrafo com quem mora até hoje. Seu trabalho com fotografias também eróticas era um incentivo a mais para o desenvolvimento dos contos.

Foi a partir dessas pequenas histórias que a escritora começou a

nascer de fato, entrando no mercado de trabalho. Um convite de um antigo companheiro das produções com a Revista Show Bizz – seu único emprego com carteira assinada – a levou para a Revista 89 FM. Já extinta, a publicação atendia a um público semelhante às atuais revistas da Jovem Pan, a TRIP e a Rolling Stones, os jovens da clássica geração “drogas, sexo e rock n’roll”. Neste trabalho, Andréa faria o papel de uma conhecedora de sexo que responderia a dúvidas dos leitores e ouvintes da Rádio 89. A coluna precisava de alguém que encarasse uma personagem e falasse sobre sexo sem tabus.

Nascia Andréa del Fuego, personagem adotado e incorporado pela paulistana Andréa Fátima dos Santos. A idéia quem deu foi a sogra, em referência a uma vedete do programa do Chacrinha chamada Luz del Fuego.

– Ele é sonoro, cafona e eu adoro. Gostei logo que ouvi.

Sem ao menos ter ouvido falar da artista, Andréa leu mais tarde sua biografia, se interessando pela carreira do nome que adotara. A atriz Lucélia Santos interpretou a vedete no cinema, mas a atuação deixou a desejar segundo os olhos da escritora.

– A artista que eu li era bem menos idiota do que a encenada no filme.

O resultado da junção de Andréa com o del Fuego se encaixou perfeitamente ao propósito que a escritora via para os seus contos. O homem, significado de seu primeiro nome, uniu-se ao elemento fogo tornando-se arma e escudo. O homem que cuida do fogo.

No mês de abril a revista Marie Claire leva às bancas o mais recente texto da escritora. Dessa vez fazendo função de jornalista Andréa encara o público com uma matéria no mínimo curiosa. O tema central: bundas. Na rua, com um gravador analógico na mão e personagens a serem descobertos, conseguiu 29 bundas, das quais apenas 19 entraram.

– Eu achei que só os homossexuais iriam entrar na brincadeira da entrevista, mas no final muitos homens quiseram aparecer. Três deles me disseram que mostravam a bunda em churrascos e não viam motivos para não mostrar em uma revista.

Com o resultado nas mãos, a editora pediu que escrevesse um texto bem humorado para a abertura e a matéria saiu. Andréa conta às gargalhadas e complementa com a história que viveu na Revista Rolling Stones, quando recebeu a incumbência de escrever sobre a cantora Céu. Depois de pesquisas, ouvir sua música e fãs da artista, foi às ruas para colher depoimentos que acrescentasse algum tipo de informação à matéria. No meio do percurso, decidiu colocar uma fala de um camelô sobre a venda de CDs da cantora naquela região. Com o texto pronto, o editor da revista chamou-a para elogiá-la quanto àquela inserção no conteúdo apurado. Não sendo jornalista, Andréa merecia os méritos por ter dado credibilidade a um fato por meio da voz de um terceiro.

– Aquilo era ficção. Eu não falei com ninguém, inventei o camelô. Até hoje ele não sabe disso. Jornalismo convencional não é pra mim.

Ao mesmo tempo em que vê como ficção, acha que tem muita coisa real que não faz sentido. Já a literatura tem que ter sentido. Naquele texto todo o que fazia sentido era justamente o que tinha uma lógica na sua cabeça, o que tinha inventado.

Além de se aventurar pelo jornalismo, Andréa já fez trabalhos institucionais para a Prefeitura de São Paulo. Sempre debruçada sobre a mesma ferramenta: a escrita. No Projeto *Nós do Centro* – desenvolvido pela Secretaria de Habitação – o lado de entrevistadora é que estava por trás da narrativa da escritora. Moradores do centro da cidade falaram com ela, que criou o texto e editou para a apresentação do programa. A Revista Rolling Stones, por exemplo, já tem o Jornalismo Literário – vindo de Nova Iorque – como base das matérias.

– Como não sou jornalista, as pessoas já me chamam pensando nesse diferencial, focando no formato. Tenho uma certa liberdade porque bate na porta da literatura.

Sem formação universitária, Andréa tem pensado na idéia de voltar a estudar. Segundo ela, a vontade a está torturando ultimamente com a idealização que tem feito de professores dedicados e que pudessem encaminhar para boas leituras como um mestre mesmo.

– Eu adoro sala de aula, na verdade já estou imaginando aquele momento que deve ser mais comum numa pós-graduação, onde as pessoas já canalizaram para a área de interesse, com orientadores e menos alunos.

A referência literária e a profissão que acabou incorporando não vieram concretamente do ambiente familiar. Livros não estavam às mãos durante a infância e adolescência. Eles eram apenas a obrigação de leitura no colégio. Filhos de caipiras de Minas Gerais, os pais de Andréa tinham um jeito diferente de apresentar a literatura. Ainda assim, a experiência, hoje contada por ela, não se tratou de um processo consciente. Sua mãe tinha o hábito de acordar e perguntar o que tinha sonhado. Uma contava para outra exatamente o que tinha passado na última noite e iam narrando as histórias do inconsciente. A forma lúdica brincava com a imaginação de menina.

– Não tive aquela mãe que lia Monteiro Lobato, mas tinha aquela que me questionava sobre os sonhos. Ela tinha uma imaginação muito fértil e sempre foi muito mentirosa também, pra mim ela é uma ficcionista de mão cheia.

Do lado paterno, descobriu, já adulta, poesias que ele escrevia desde a adolescência. Quando a família dele mudou de endereço, sua mãe – avó de Andréa – encontrou diversos papéis com seus escritos embaixo do colchão. Não entendendo nada daquilo jogou tudo fora. Até hoje ele escreve poema de amor para a esposa, confirmando a teoria de que ele entende muito bem de paixão.

– Meu pai fazia algo que não compreendia e também não era compreendido pelos pais. Eu sei que apesar de não ter tido nenhuma referência, ele tem essa veia artística, uma tendência.

Andréa também não sabia o que fazer com esse impulso que a levava a escrever. O contato com a Internet, em 1997, abriu o caminho para uma série de possibilidades que nunca tinha imaginado. A euforia com o e-mail, a facilidade de se falar com alguém sem interrupções de tempo, com a sala de bate-papo e o entra e sai de pessoas desconhecidas, ao mesmo tempo tão próximas, encheu de oxigênio a fonte da escritora.

– Aquilo tudo era revolucionário. Entrei com uma fome absurda de mundo. Passei a colaborar para sites, conversar com pessoas que já escreviam e experimentar a literatura como ser atuante.

A idéia de que um livro é um objeto inanimado, morto, e que se alguém o lê acaba dando vida ao autor, à história e aos personagens é algo que enche de brilho os olhos de Andréa. Segundo ela, se o escritor está morto, o livro dele está vivendo, mas se o autor está vivo, aquilo está reverberando de alguma forma. Esse diálogo entre autor, obra e leitor é fascinante para ela.

Os personagens de uma história vivem dentro do escritor. Já estão ali prontos para serem retratados, segundo ela.

– Não criamos as pessoas do livro, nos despedimos deles. Tenho a sensação de que o personagem, o cenário e a história são pulsões psicológicas que estão em nós e em algum momento da psique farão sentido, vão se aflorando, quando conseguimos dar nomes é que eles entram e nos despedimos. É como se estivessem embaixo da cama, cumprindo uma função.

Algumas figuras não voltam mais, outras estão sempre presentes. Se não foram embora é porque ainda cumprem um papel na vida do escritor. É dessa forma que Andréa define parte do processo que se dá ao escrever. Quando conheceu Ivana Arruda Leite, no lançamento do livro *Falo de mulher*, conheceu também o caminho que a literatura podia levar. Ivana hoje é sua amiga. Na época, Andréa devorou suas palavras e entendeu o que era escrever com humor e uma maturidade que jamais imaginara. Ivana publicou seu primeiro livro só aos 50 anos, o que Andréa interpreta como fator importante no resultado de seus textos.

– Vejo essa relação com a experiência de vida. O que faz de uma mulher uma escritora é um certo desprendimento. O que faz de alguém escritor é a falta de pudor.

Quando o tema era sexo, ainda carregava muitos pudores em relação à linguagem. Preocupava-se com frases corretas e o tamanho dos parágrafos. Foi só quando se tornou leitora de si mesma que percebeu que podia ter mais liberdade para cortar, refazer e apagar. Hoje sabe que

pode jogar até um livro inteiro fora porque a fonte ainda está ali. Andréa fala e aponta para si mesma, cabeça, tronco e pernas. As idéias estão todas nela própria, brotando e jorrando de dentro para fora. A segurança com que nos diz sobre sua capacidade é de uma mulher madura, consciente de suas limitações, mas certa de que é fonte do seu trabalho.

Outra escritora que lhe abriu os pensamentos para a profissão foi a também companheira de moradia, Bernadette Lyra. Professora de cinema, contista e romancista, Bernadette foi a primeira a dizer que em literatura pode-se mais. Nessa época, Andréa escrevia seus contos e mostrava para a amiga. A resposta era sempre livre de padrões mercadológicos. Dizia que ela podia tudo, mudar uma palavra, mexer na outra frase, acrescentar pensamentos, enfim podia qualquer coisa.

Retomando as indicações do colégio, Andréa tinha 24 anos e resgatava Clarice Lispector e Machado de Assis. Ainda não conhecia a literatura, não sabia quem eram os autores que estavam surgindo, nem as correntes que poderia seguir de alguma forma. Contrária a uma geração que aprendia sobre a escrita e praticava os ensinamentos, primeiro escreveu para depois tornar-se leitora ávida. Hoje lê um livro atrás do outro, ininterruptamente.

Quando era criança lembra que se comunicava com a mãe por cartas. Apesar de morarem na mesma casa, Andréa tinha o costume de escrever o que queria, fazer chantagens emocionais e se aproximar da mãe por meio de papel e caneta.

– Surtia um efeito que falando não rolava. Eu percebi que ali tinha uma comunicação, que eu era capaz de chegar muito mais próximo do que eu queria falar. Abrir a boca era um desastre.

Em 2005, o blog passou a ser mais um palco para suas palavras. A liberdade propiciada pelo espaço é a principal característica que a encanta. Seguida pela possibilidade de comunicar-se com diversos tipos de pessoas, que normalmente nem deixam vestígios, apenas consumem os textos.

– É deliciosa a liberdade que tem aquela tecla *publique*. É a alforria total, você não precisa de ninguém e não tem editor, nem censura.

Leitora de blogs na rede, vê o processo todo como uma grande conquista da tecnologia. São textos curtos que geralmente chamam a sua atenção já que acha muito cansativas as leituras longas através da tela do computador. Com o tempo e a prática, obteve experiência para a construção de livros e melhoria de seus textos. A facilidade em postar e apagar dá margem a testes e brincadeiras que os outros meios de comunicação não permitem.

– É uma escrita de extensão curtinha, uma síntese. São pílulas prazerosas.

Ao mesmo tempo em que fascina, o suporte que a Internet dá não a completa. O fato de ser um eletrodoméstico, como Andréa denomina, faz com que os livros sejam ainda necessários.

– É um liquidificador que você liga, cheio de eletrostática. Ninguém vai pro banheiro com um computador, mesmo os laptops.

Enquanto o livro tem apenas uma função, que é a leitura, o computador é ferramenta de trabalho, aparelho de Internet, de telefone e de e-mails. Com o tom seguro e as idéias claras de quem já formou opinião, Andréa conta das possibilidades que a encantam na Internet. A importância desse espaço em sua vida é também claro aos nossos olhos.

Em um de seus trabalhos participa de um projeto da editora Mojo Books – que publica apenas no campo virtual – com um texto sobre o filme americano *Blade Runner*. A proposta do programa é convidar pessoas para escreverem um conto de ficção baseado em uma trilha sonora. A escolha fica por conta do autor convidado. Andréa escolheu o músico Vangelis, famoso por essa trilha sonora na década de 80, com o conto de um homem preso num submarino que se revolta com o narrador de sua própria história: ele mesmo.

– A música é muito ligada à estética do filme de um futuro visto pelos anos 80 com andróides usando ombreiras, uma coisa incrível.

Os dez capítulos escritos por ela ficam disponíveis para serem baixados pela Internet num formato que imita um encarte de CD.

Para trabalhar a escrita, Andréa criou um processo disciplinar que afugenta qualquer tipo de insegurança ou dispersão. A idéia inicial vem

inteira na imaginação da escritora como se fosse um bloco grande, um monolito, como denomina. Andréa nos explica com gestos manuais que caracterizam o bloco sendo colocado sobre a mesa. Com a história pronta na cabeça, monta uma sinopse igual às de cinema. Daí pra frente vai destrinchando e abrindo em capítulos com frases e palavras chaves que os definam. Com o esqueleto pronto fica mais fácil enxergar a unidade que busca.

– Assim eu consigo ver ele limpo, com começo, meio e fim, o resto é só preencher espaço. Dá uma liberdade maravilhosa, porque eu posso enlouquecer, fazer pirueta com os personagens, ir a qualquer lugar do mundo e voltar, pois no próximo capítulo sou obrigada a trazê-lo de volta.

O esquema desenvolvido contribui para maior rendimento no trabalho. É uma forma de autodidatismo para produzir mais livros.

A liberdade com a escrita e a mudança de fase, do erótico para os demais temas, teve seu marco num momento difícil da vida pessoal: a morte da avó materna.

– O erotismo foi embora quando eu senti pela primeira vez um luto de verdade. É engraçado porque eu sempre acreditei que tudo girava em torno da força erótica, que fosse meio inesgotável, e com a morte eu percebi que tinha um sentimento mais forte.

Sua avó faleceu quando Andréa tinha 29 anos e apenas o primeiro livro publicado. As histórias que seguiram foram marcadas diretamente por esse momento. Quando entrou para o mercado editorial infanto-juvenil, seu protagonista passava pela perda do avô.

O primeiro livro, **Minto enquanto posso**, saiu pela pequena editora Nome da Rosa e traz pequenos contos de uma trilogia que se completa com **Nego tudo** e **Engano seu**. Quando viu sua primeira obra impressa, Andréa conta que até dormia com o livro ao lado da cama, lambia a cria, ficava olhando, existia um encantamento com o produto finalizado.

– Meu pai levou para os amigos de boteco e lia com eles. Tomava uma cachaça e lia um conto. Ele se emociona muito com o fato de eu escrever.

Já para o terceiro livro, contou com uma pressão a mais. Contemplada pelo programa da Secretaria de Estado da Cultura com uma bolsa de auxílio literário, Andréa precisou mandar cartas de pessoas já conceituadas dentro da literatura para ser aprovada. Entre os escolhidos por ela, o escritor Marçal Aquino, lido desde a adolescência, contribuiu para a aceitação do projeto. Num e-mail em que o agradecia, Andréa se deparou com o outro lado que nem imaginava: a cobrança pela qualidade do livro.

– Ele me disse que agora é que começava, que o mínimo que eu tinha a fazer era um livro decente.

Fora o prazo de um ano para a entrega, contava ainda com o peso de fazer algo que as pessoas gostassem, em especial, Aquino. O resultado convenceu a escritora e recebeu elogios da crítica. Andréa o classifica como o melhor dos três. Um fato que a influenciou no processo de criação foi uma entrevista que leu de Aquino. Ele dizia que um pequeno defeito que a pessoa não consegue se livrar na hora de escrever pode ser exatamente seu estilo.

No ano passado Andréa achou em uma das estantes na casa de sua mãe o livro que lera há muito tempo – na quarta série, turma B, do ensino fundamental – de Aquino, *A turma da rua quinze*.

Dos 60 mini contos concentrados no livro **Engano seu**, cinco saíram de testes no blog, desta vez reescritos com maior atenção. O blog, aliás, foi o laboratório deste trabalho.

– É interessante porque os contos do blog não são nem poema, nem poesia, e são textos curtos. É um novo formato literário.

Atualmente Andréa tem se dedicado a escrever para um público ainda mais específico: as crianças e adolescentes. O mercado infanto-juvenil é mais profissional, segundo ela, motivo pelo qual a atraiu. Escreveu o livro **A sociedade da caveira de cristal**, lançou recentemente e gostou da nova experiência. Ainda não tem uma prévia da resposta do público, pois acredita que isso só é possível após um ano do lançamento, a não ser em casos de estouros absolutos de venda. Para este novo nicho, vê uma disposição que nem conhecia e uma facilidade surpreendente.

– Escrever sobre o universo infantil é mais suave porque não estou lidando com um problema meu. Já é uma fase resolvida e isso não é óbvio, meu pai tem 50 anos e é emocionalmente uma criança de cinco.

Sobre a necessidade da escrita e os conflitos que resolve, Andréa conta que escreve mais quando está sentindo demais. Quando o estado emocional a ser descrito é de uma criança, ela brinca, passeia por esse período que ficou lá atrás. Já quando o tema é adulto e a relação de alguém com o mundo é que entram as incertezas e emoções.

– Me expresso escrevendo. Além do blog e dos livros, tenho ainda um caderninho onde me dou uns esporros e só eu leio. Adoro reler aquilo, são momentos de sentimento, até de amar demais.

A escritora cita o caso de Raduan Nassar que tem apenas dois livros e alguns contos e parou de escrever. Andréa fala da curiosidade que tem em conhece-lo e tentar entender esse momento de quebra em algo que é tão bem feito. Complementa dizendo que ele poderia tudo, na sua opinião.

A fonte de inspiração de Andréa é a vida em si. Seus personagens e conflitos cotidianos. Na televisão adora os *reality shows* e, no cinema, os documentários. Entre eles, cita o mais recente de Eduardo Coutinho, *Jogo de Cena* e do Walter Salles, *Santiago*. Quanto aos *reality shows*, acompanha o *Big Brother* e gostou muito do *American Idols*. Numa das edições em que foi assinante do programa da Globo, conta que se via em plena madrugada assistindo um cara fumar um cigarro perto da piscina. A idéia de algo que está acontecendo simultaneamente encanta a escritora que se assume *voyer* de carteirinha.

– Ficaria aqui nessa doceria olhando a mulher na mesa ao lado, os movimentos que ela faz frente ao interlocutor, acompanhando o outro cara e procurar as intenções que estão em jogo.

Tal observação a inspira para escrever. É uma fonte inesgotável, segundo ela. No caso dos programas de televisão, fala da ilusão de que algo pode acontecer naquele segundo, sem contar com o fato de perceber alguém se apaixonando antes mesmo da própria pessoa. Andréa defende que temos pouca consciência de nossas expressões, que ao olhar no espelho já vem uma interpretação prévia.

Apesar da paixão pelos detalhes da vida real, a escritora passeou também pela ficção científica com a participação em uma antologia chamada *Futuro do Presente*, em que foi convidada pelo organizador, Nelson de Oliveira. Longe dessa área, Andréa se assustou com o convite, mas aceitou e se dedicou muito para criar a história do planeta Aníbal. Já pronto e entregue, o projeto só será lançado em 2009. Para o texto, estudou até um pouco de nanotecnologia.

Lado oposto da ciência, Andréa se interessa ainda pelos rituais religiosos e espirituais. Nunca fez terapia, mas acredita no que já foi descoberto até hoje. Acha surpreendente a existência de técnicas para conseguir digerir alguma coisa que está mal resolvida e admira a frieza de um psicanalista ao montar um espelho e ver coisas que o próprio paciente oculta. Se tivesse tempo, seguiria terapias nas linhas *Junguiana*, *Freudiana* e *Lacanianiana*, nos confessa.

No campo da astrologia conta que fez o lançamento do último livro na data específica lida em seu mapa astral. O planeta Saturno entrando na casa do trabalho é o que a preocupa ultimamente.

Andréa é Áries com ascendente em Áries e Marte em Peixes. Segundo ela, Marte é o planeta que define o posicionamento da pessoa diante do conflito.

– Áries se joga, fala que vai e vai. Quando chego no meio da arena faço xixi na calça, e esse é o Marte em Peixes.

O astrólogo aliviou um pouco essa definição. Segundo ele, o jeito natural de encarar é pisciano, mas deve ser visto como compaixão, em vez de brigar, ela deve perdoar, essa é a arma natural.

O que a encanta de fato são os rituais, os formatos. Conta cheia de detalhes sobre o interesse pela umbanda, sempre descrevendo as roupas, os acessórios, a trilha sonora e o que leva uma pessoa a se conectar com o desconhecido. Acha religião algo alienante por natureza.

– Ao rezar, a pessoa tenta sair de uma vibração e conseguir outra para aliviar um pensamento obsessivo.

É nisso que acredita. Todas as manifestações para conseguir se comunicar com um criador a interessam. As descobertas do cérebro e do

sentimento como uma substância química que se altera são questões que a fascinam.

Ainda dentro do interesse pela estética dos rituais e o formato das coisas, Andréa fala da paixão por fotografia. Casada com André, fotógrafo profissional, conta que desde o primeiro momento que descobriu o trabalho do atual marido se envolveu diretamente com esse universo.

– Ele me convidava para conhecer seu apartamento e eu só queria saber de olhar todos aqueles livros de fotografia que ele tinha. Não dei um só beijo antes de ler um por um. Estou com ele pela fotografia dele.

Conta em meio a agradáveis risadas. A primeira câmera própria foi comprada apenas no ano passado. A justificativa pela demora se dá pelo fato de o marido ser sempre o responsável pelos registros de viagens e festas. Agora pretende fazer séries e séries com fotos e textos no blog. A idéia é criar frases que signifiquem algo a partir da imagem. Séries como essa já foram experimentadas surtindo tanto respostas positivas como críticas na Internet, mas é um formato que Andréa não abre mão.

– Eu entro e saio do blog diversas vezes só para ficar admirando as fotos.

Morando junto desde os 16 anos de Andréa, ambos experimentaram várias fases no relacionamento. André é nove anos mais velho e já exerce a profissão desde aquela época. Ela saiu de casa para viajar e não voltou mais. Apesar da indignação dos pais, acabou ficando até hoje. Nessa época ela morava em São Bernardo e ele na Vila Mariana, em São Paulo. Ela trabalhava em uma produtora próxima da casa dele, o que facilitava ainda mais sua frequência.

– Ele me viu passar de bebê à mulher e foi aberto o suficiente para me deixar aflorar. Acho muito legal quando o auge da paixão sexual com um homem dá uma acalmada, porque o amor que somos capazes de sentir por outras pessoas começa a se manifestar.

Amar, para Andréa, é uma coisa física, quase como fazer uma força, puxar uma corda ou empurrar um carro. Amparada pelos gestos das mãos e os braços que pegam um ao outro, mostra o quanto tal senti-

mento é grande e intenso. Ela ri e fala cada sílaba dando a impressão de sentir cada palavra.

– Tem uma coisa espontânea que nasce e outra do dia-a-dia que é mágico, um encantamento que parece um pernilongo que para te picar dá um anestésico e deixa coçando depois.

Falando sobre o amor, a escritora mostra o lado que parece a mover em todos os sentidos. Escrevendo ou vivendo, Andréa acredita na força desse sentimento e no que é capaz de mover. Discorre sobre o amor como se falasse de comida. Uma necessidade física que desperta a vontade de estar junto. Ainda neste campo, fala da amizade e das referências que vamos criando uns dos outros. Conta de uma amiga que conheceu aos 13 anos e com quem mantém uma bela amizade ainda hoje.

– O fato de uma ver a outra crescendo estabelece parâmetros que te colocam frente a frente com características que às vezes esquecemos ter.

Essa conexão que se dá sobrevive às fases de incompreensão com determinados acontecimentos na história da amizade. Segundo ela, se após o encantamento ainda houver cumplicidade e essa força do amor, é que o sentimento vale. Cita o livro *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, para justificar o raciocínio.

– É uma colheita mesmo.

A essência das pessoas é imutável, segundo ela. Uma polida em algumas características é o que acontece. Aprender a lidar com os detalhes é um processo doloroso, mas mudar a essência seria mutilação. Usa as palavras de Clarice Lispector para defender sua tese: “Você não pode tentar resolver um defeito seu porque ele pode ser a estrutura da tua vida”.

– Tirando aquilo acaba ruindo toda uma personalidade. Sentir, normalmente a gente sente nas mesmas situações, no começo explode demais ou contém demais. Os dois são uma merda. Aos poucos vamos aprendendo a nos expressar.

Andréa Fátima dos Santos, a Andréa del Fuego, nasceu no dia 15 de abril de 1975. É paulistana no documento e mineira na alma. Escreveu a trilogia de contos *Minto enquanto posso* (2004), *Nego tudo* (2005) e *Engano seu* (2007), todos publicados pela editora O Nome da Rosa. Participa das antologias *Os cem menores contos brasileiros do século* e *30 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*, entre outras. Acaba de lançar *Sociedade da Caveira de Cristal* dedicado ao público juvenil. Mantém um espaço virtual para publicar textos e imagens (www.delfuego.zip.net)



Capítulo 4

Lucidez pintada de loucura

“Então, me apaixonei irremediável e irreversivelmente. Conheci este cara que escrevia bem pra caramba, tocava guitarra, usava saia e, dizem, pintava os olhos. Interessantíssimo. Flertamos loucamente e estávamos quase efetivando o crime quando chegou o amigo dele. E me apaixonei pelo amigo dele, caí de quatro, fiquei completamente louca pelo cara”.

(Máquina de Pinball - Clarah Averbuck)

– Vocês vão pagar essas cervejas, meninas?

Afirmamos com a cabeça e nos despedimos depois de algumas horas sentadas num bar na Rua Augusta. Famosa pela concentração de tipos variados de pessoas, a rua localizada na zona central de São Paulo não poderia ser melhor cenário para acompanhar a entrevistada da noite: Clarah Averbuck.

“A renovação veio pela marginalidade”, diz Paulo Terrón em texto que apresenta a escritora para os jornalistas em *release* disponível na Internet. A frase explica o surgimento de grandes escritores como Daniel Pellizzari e Daniel Galera, ambos nascidos da mesma fonte no Sul do país: o fanzine CardosOnline. Clarah e os dois iniciantes tiveram seus textos publicados em um material que tratava de música e era distribuído pela Internet. À sombra dos nomes que surgiam em São Paulo nessa nova geração, os autores não estavam concentrados na capital e não faziam trabalhos moldados pela literatura clássica com palavras rebuscadas e formato padronizado pelo mercado editorial.

Camila, protagonista do primeiro livro – **Máquina de Pinball**, lançado em 2002 – é uma espécie de alter-ego de Clarah. A forma como escreve parece chamar o leitor para a sua vida, intensa e cheia de conflitos, que se confunde com a de seus personagens.

No primeiro blog – *Brazileira! Preta* – conquistou um público jovem que se identificava e dialogava por meio de e-mails. Fugindo da proteção dos pais em Porto Alegre, Clarah chegou a São Paulo com 21 anos, depois de já ter vivido com o namorado dois anos em sua cidade natal.

– Eu não tenho muito cordão umbilical.

Com respostas curtas e sempre diretas, a escritora fala pouco de qualquer assunto. Vamos montando sua história com frases que de alguma forma se completam.

A relação com a mãe parece ser tranqüila e de extrema admiração. Clarah conta que conversam mais sobre coisas afetivas e que foi ela que a ensinou a apreciar a arte.

– Minha mãe foi uma artista abortada no meio do caminho.

O casamento e o cuidado com a casa a tiraram da forma de expressão que a esperava naturalmente, segundo a filha e fã conta. Com o nascimento de Clarah, passou a gerenciar o marido e acompanha-lo nos bastidores, deixando de lado o talento para o desenho e a literatura. O casal se conheceu aos 17 anos, se casou aos 19 e teve Clarah aos 20.

Filha única, a criança acompanhava a mãe no curso de jornalismo, interrompido a um semestre da graduação.

Músico, conhecido no Sul do País, o pai de Clarah sempre teve amigos que freqüentavam sua casa e faziam parte do cenário artístico de Porto Alegre. A influência cultural brotava dos genes paternos e maternos.

– O ambiente foi meu pai que criou, mas a base intelectual veio da minha mãe.

A convivência com o pai não foi das mais amistosas. Clarah conta que mesmo morando na mesma casa já passaram quase seis meses sem trocar uma palavra. Até em briga com socos e pontapés já se envolveram.

Hoje ainda sente uma tensão, um ar de desaprovação da parte dele, mas já consegue lidar com mais jogo de cintura. O machismo ainda perceptível em sua personalidade deve ter fim com a Catarina, filha de Clarah.

– Ela é muito inteligente, vai acabar com qualquer sinal de linha dura.

O ritual de nascimento de Catarina, há quatro anos, caracteriza parte da personalidade de Clarah. A menina nasceu dentro de casa com a ajuda de uma enfermeira obstetra e do pai. A mãe acredita que é muito violento o parto no hospital.

– Filho não é doença.

Entre um copo de cerveja e um trago no cigarro, Clarah atende a telefonemas, cumprimenta amigos que chegam e nos encara com a coragem de quem sabe o que quer e não está nem um pouco preocupada com o julgamento dos outros. Diante de perguntas hipotéticas, desconversa, vira o rosto e mexe o queixo para cima e para baixo como se pedisse a próxima pergunta.

Com as palavras prontas para saírem da boca, a entrevista segue em ritmo acelerado. Nós, atentas às respostas e preparando novas perguntas. Ela, com respostas diretas e precisas.

– As pessoas aqui no Brasil têm muita inveja.

Falando sobre sua relação com a cidade de São Paulo, Clarah fala de uma característica do brasileiro que a incomoda: a inveja. Certa de que está dizendo coisas horríveis e generalizando, acredita que esse seja o pior sentimento humano. Segundo ela, é esse um dos motivos de tanto atraso, já que quando uma coisa dá certo no Brasil vem logo alguém defendendo a sorte ou algum tipo de indicação que fez tal pessoa construir algo produtivo. Ficam tentando arrumar uma desculpa para o fracasso próprio.

– A resposta é sempre a mesma: fulana conseguiu porque tem pai ou mãe por trás, ou então é por causa desse peitão.

Esse sentimento de raiva das pessoas cresce à medida que vai nos explicando. Os palavrões saem de sua boca como a metralhadora que acaba de usar como exemplo do que fazem as palavras ferinas que uns despejam sobre os outros. Insatisfeitos com o pouco que são capazes de realizar, desejam metralhar os que produzem algo.

Sobre a capital paulista, acredita que não conseguiria viver em outro lugar neste país. A relação de amor e ódio é meio balanceada e não chega ao extremo. Gosta de estar em uma metrópole, rodeada por barulho, sensação de eletricidade no ar e tendo à disposição botecos em qualquer esquina. Ao falar, dá ênfase à palavra país, justificando com o que conta sobre as vezes que esteve em Nova Iorque e Los Angeles e voltou flutuando.

– Nunca me identifiquei com a cultura brasileira. Lá parece que estou na fonte de tudo o que gosto.

A identificação com esses lugares está enraizada nas pessoas que lá vivem. Segundo ela, há uma compreensão que não encontrou em nenhum outro lugar, como se cada palavra fizesse o sentido que ela presumiu antes de falar. No Brasil sente uma certa distância do interlocutor. Poucas são as pessoas que ouvem exatamente o que está dizendo. A

sensação de ser compreendida é o que compromete sua adoração por São Paulo e pelos brasileiros de uma forma geral. Se sente muito bem por aqueles lados. Repete duas vezes sua satisfação.

Compara a um ritual quase místico a última experiência em Los Angeles.

– Tudo dava certo. Fluía.

Quando não está bem, Clarah vai para rua. Conflitos, medos e paranóias parecem se misturar ao caos da metrópole e resultar num certo alívio. Esse movimento é necessário em sua vida, apesar de se declarar uma solitária de alma. Não se vê trabalhando em ambientes corporativos. Ao falar a palavra “corporativos” muda o tom, pulando do papo de bar para a conversa de escritório, ditando sílaba por sílaba e engrossando a voz.

– Eu não gosto muito de conviver com pessoas, fazer social.

A ironia é outro traço constante da conversa. Clarah não entende as pessoas que falam em mercado de trabalho e se projetam como se pudessem prever o futuro.

– Não lido com situações hipotéticas.

A frase é repetida em vários momentos da conversa.

O telefone toca. Clarah combina de se encontrar com o namorado e um amigo para irem a uma festa que foi convidada, mas que jogou o convite no lixo por achar ser uma furada.

Pede um chiclete. Reclama do barulho da rua. Pergunta se é o caminhão de lixo ou a polícia. Recebe uma mensagem no celular e pára tudo para dizer que é o namorado. A relação já completa quatro meses e isso é motivo para a risada e o semblante que expressa a surpresa causada nela mesma.

– Agora só fico com homens mais novos. Os mais velhos são muito bundões e covardes, precisam de uma mulherzinha.

Os homens mais novos já têm uma outra referência de mulher, segundo constata com o atual namorado de 21 anos.

– Eu não sei se me apaixono mais.

Titubeia.

– Me apaixono ainda, mas é diferente.

Clarah fica um pouco em silêncio para logo disparar frases e mais frases sobre o amor que sentiu uma única vez com tamanha intensidade. Conta que se apaixonou por seu “muso”, a quem dedica os principais textos de amor dos livros, do blog e das revistas. Descarta qualquer paixão da adolescência ou outras possíveis balançadas ao comparar com o que sentiu por esse homem. Professor de literatura e escritor, o homem misterioso a quem não nos dá o nome, é de São Paulo, mas não está na cidade nesses dias. A conversa entre os dois é diferente da que tenta com as demais pessoas do mundo – os ordinários, como denomina todos que não são ele.

Enquanto a ouvimos desviamos o olhar por alguns segundos para observar as tatuagens expostas em ambos os braços. Um coração desenhado no espaço que delimita a distância do ombro ao cotovelo chama a atenção. Todo preenchido de preto, a impressão que o símbolo nos passa é de alguém que ama demais e sem medo de se entregar. Clarah veste uma blusinha regata do mesmo tom de sua pele clara e uma calça jeans. As tatuagens completam a vestimenta e mascaram o possível romantismo utópico de outros séculos. Além do coração, frases estão espalhadas pelos seus braços.

– Eu sou uma romântica *hardcore*, no sentido de pornô.

Clarah continua a falar do grande amor de sua vida com intensidade e força na voz e nos movimentos. Quando fala do sentimento parece trazer toda história de volta. Confessa que se ele a pedisse em casamento a qualquer momento, largaria tudo e casaria no ato. Não sabe no que isso daria, mas sugere duas possibilidades: o crime passionai ou o tédio.

Tinham acertado o casamento para 2008, mas ele achou que estava muito próximo e adiou. Ela conta com o sorriso no canto da boca.

– As coisas surgem em mim, tudo fica melhor, muda de cor, fica mais perfumado e bonito quando estou com ele.

Para definir o que é o amor Clarah fala com firmeza do sentimento como algo que você quer oferecer sem pedir nada em troca. Escrevendo há muito tempo sobre o assunto, complementa que já criou definições

para o amor romântico e as outras possíveis extensões como a paixão, o tesão e a obsessão. Fora isso ainda descobriu o amor materno quando teve Catarina, que não abalou em nada o tipo de amor anterior.

– Estou fazendo confissões para vocês porque estou ficando bêbada.

O amigo, a que Clarah chama de Perna, chega e senta-se à mesa para acompanhar a conversa. Companheiro há mais de sete anos, Perna a conheceu em Porto Alegre e agora está hospedado na casa da amiga. Sabendo da entrevista, Perna conta da noite em que Clarah faltou à festa que estavam promovendo sem nem dar um telefonema para avisá-lo. Ela se defende dizendo ter telefonado. Ele nega. Ela confessa e fala logo da crise de sinusite que teve justamente naquela noite. A festa chamada TransMetropolitan, idéia de ambos, nunca de fato aconteceu com a presença dos dois em Belo Horizonte.

– Eu pensei que telepatia funcionava – brinca. Essa sinusite parece que vai derrubar um lado da minha cabeça.

Antes de nos encontrar nessa noite, Clarah participou da filmagem de um documentário sobre a Rua Augusta. A ponta para qual foi chamada era para poucos segundos em cena com apenas uma frase, mas a gravação levou horas, segundo nos contou. Não é atriz e nem pretende um dia ser, mas esse é o segundo convite que aceita – o primeiro foi no curta *Nocturnu*, de Dennison Ramalho, onde interpretou uma prostituta.

Na cena desta tarde, era apenas a moça que derruba um livro na cabeça do protagonista e pede desculpas.

No cinema a partir de julho de 2008, Clarah terá sua vida retratada nas telas de uma forma muito mais intensa do que as pequenas participações como atriz. Os livros **Máquina de Pinball**, **Vida de Gato** e **Das coisas esquecidas atrás da estante**, além de alguns textos do blog, tiveram seus direitos vendidos ao diretor Murilo Salles que os adaptou no filme *Nome Próprio*. O longa metragem exibido na Mostra Internacional de Cinema, em São Paulo, neste ano, tem a atriz Leandra Leal como a protagonista Camila.

nervosa e ansiosa, apesar de já ter assistido algumas vezes em pré-estréias no Rio de Janeiro. Com um vestido de oncinha na altura dos joelhos, os olhos escuros, as unhas vermelhas e o cabelo também avermelhado, a escritora assistiu ao filme ao lado de Leandra e sob os olhares de amigos e curiosos que ligavam a personagem à autora invariavelmente.

As cenas com sons ambientes, sem trilha sonora, são apenas um dos três principais problemas que Clarah vê na adaptação de Salles. Segundo ela, o livro **Máquina de Pinball** é inteiro marcado por músicas, como se fosse uma peça teatral, que abrem os capítulos. Tal característica seria fundamental se o filme fosse dela. A autora frisa diversas vezes o que concluiu após algumas exibições que acompanhou:

– O filme é dele e não meu. Sou escritora e não cineasta.

A segunda discordância é quanto às frases escritas na tela como pano de fundo do que a protagonista escreve no computador. As palavras não são de Clarah e é isso que a incomoda. Segundo ela, caso ele tivesse pedido, ela mesma escrevia e se adaptava àquele roteiro. Não acha justo as pessoas assistirem a algo que é adaptado da obra, mas com frases que não são da autora.

Mas o que a irritou mesmo nessa adaptação foi a ausência de senso de humor.

– Tem muito drama sim, mas no final tem uma tiração de onda que tira todo o peso da personagem. Esse é um dos pilares do que eu escrevo.

Apesar dos três pontos discordantes, Clarah vê a obra com os melhores olhos possíveis. Acha tudo maravilhoso e até brinca que talvez se tivesse sido dirigido por ela teria saído uma porcaria. Em seguida fala da atuação da agora amiga Leandra Leal:

– Nos conhecemos no primeiro dia de filmagem, ela era meu agente infiltrado. Posso dizer que ela fez melhor do que eu até.

Sobre atuar, a autora fala que também gostaria de ter aparecido em alguma cena. Quando comenta o assunto já fala do momento que escolheu dentro do cenário montado por Salles. Queria estar no bar, ao fun-

do da conversa entre a protagonista e o cara que ela conhece, bebendo alguma coisa.

Já na literatura Clarah nunca teve problemas com mudanças no que escrevia. Sua obra é exatamente o que saiu publicado nos livros. Ela conta que sempre conseguiu dar um “balão” nos editores e escrever o que queria. Fazia os pensar que a idéia tinha sido deles.

– Odeio gente mexendo no meu texto.

A escritora só faz o que quer, na hora que quer, do jeito que quer. Assim se define em qualquer tipo de relação. Na vida pessoal ou enquanto trabalha, consegue fazer do seu jeito e fala com orgulho do momento em que vive com boas oportunidades seguindo seu estilo.

– A imagem Clarah Averbuck só me serve para me chamarem para trabalhar.

Como frisou desde o início, está aqui para escrever e fazer as coisas do seu jeito sem se importar com o rótulo que a estão colocando.

Leitora apaixonada por John Fante conta do ciúme que sentiu quando soube que sua obra tinha sido republicada. A intensidade com que a escritora vive é evidente em todos os momentos e em qualquer assunto levantado. Ama literatura e quer aquilo pra ela. Quanto ao Fante complementa que não quis assistir ao filme adaptado do livro *Pergunte ao pó*, pois sabia que ia odiar o final que já soube que deram para a obra.

Quando soube que a Camila Lopes morria nos braços do Arthur Brandini já quis assassinar o diretor.

Acende um cigarro e continua a falar de alguns dos escritores que passaram pela sua infância e dos que anda lendo. Ruth Rocha e Ana Maria Machado, primeiras a passar os olhos; e Bukowsky. No momento lê o romance *Conhecimento do inferno*, do português Antonio Lobo.

Como escritora comenta sobre ser incentivadora, de alguma forma, da leitura após a infância.

– Ter a responsabilidade de transformar alguém em um leitor é demais.

Para Catarina encaminha os livros que leu na infância e a incentiva, mas vê com grande felicidade a possibilidade que tem nas mãos de poder oferecer a leitura a jovens já crescidos que não tiveram adultos

para influenciá-los. Muitos se interessam por literatura somente após conhecer a obra de Clarah, como contam em e-mails cheios de elogios e agradecimentos.

Atualmente escreve um livro para a Editora Cosac Naifye, resultado de uma bolsa de incentivo da Petrobrás oferecida em 2007 junto a outras 24 contempladas. O título, já escolhido, é o **Eu Quero Ser Eu**.

Outro trabalho – já pronto – é o **Nossa Senhora da Pequena Morte**. O livro que era para ser o *Delírio de Ruína* com a Rita Wainer, foi substituído pela parceria com a Eva Oviedo devido a falta de tempo da Rita. Todo ilustrado e batido à máquina ou escritos à mão, são textos poéticos que serão lançados no próximo dia 26 de maio – data de aniversário da Clarah e um dia depois do da Eva. Com uma edição de apenas 200 exemplares, os livros serão todos customizados pelas autoras.

– Vai ser lindo e caríssimo! Terá ainda uma versão digital para quem quiser baixar pela Internet.

Na música Clarah finalmente encontrou as pessoas que procurava para voltar a integrar uma banda e cantar em lugares que vão além da própria casa, ruas e bares que frequenta. Conheceu o Reginaldo e o Douglas (baixista e baterista) e formaram a banda Sunny Side Down. Por enquanto estão compondo e ensaiando antes da apresentação marcada para dia 25 de maio.

Quando era mais nova achava que seria cantora, vivia no meio musical ao lado dos amigos do pai e era o que queria seguir. Já a literatura era algo que tinha desenvolvido naturalmente desde a infância; era a menina que escrevia todas as redações e textos que seriam lidos no colégio. Ambas tornaram-se suas paixões, lado a lado.

Apesar da confiança que nos passa a todo momento, Clarah admite que as pessoas não a aceitam muito bem. Conta que ainda hoje escuta muitas frases machistas do tipo: “Para uma mulher você sabe bem até”. Não que isso signifique algo em sua vida, como faz questão de frisar.

– Caguei.

Repete muitas vezes a palavra que marca o encontro. Não liga para os olhos alheios, não liga para os jornalistas que mal lêem sobre ela e

fazem as mesmas perguntas sempre, não liga à mínima para o que os outros pensam.

As pessoas se enganam a seu respeito. Tem quem a classifique como uma louca sem limites.

– Se fosse louca estava pedindo esmola na rua.

É ela própria quem explica o que lhe acontece: a consciência sobre como a vêem, a definição de louca sem grandes propósitos e a teoria sobre pedir esmolas na rua. Clarah é lúcida. É o tipo de pessoa que sabe exatamente o que está se passando, onde está pisando e o que deve fazer. Não lida com situações hipotéticas porque vive o dia-a-dia.

– Quando escrevo brinco com realidade e ficção, com essa imagem que foi criada a meu respeito. Isso tem a ver com a carece das pessoas aqui que acham que um escritor deve usar barba e cor pastel. Eu não preciso disso.



Clarah Averbeck é natural de Porto Alegre e nasceu no dia 26 de maio de 1979. A capital gaúcha foi pequena para seus desejos, então, mudou-se para São Paulo em 2001 para logo publicar seu primeiro livro *Máquina de Pinball* (Editora Conrad, 2002). Os outros dois, *Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante* (7Letras, 2003) e *Vida de Gato* (Editora Planeta, 2004), vieram logo em seguida. Suas loucuras e escolhambações podem ser encontradas no blog *Adiós Lounge* (www.adioslounge.blogspot.com)

